CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
MARTIN SCORSESE, ENTRE A RAIVA E O SILÊNCIO
14 e 16 de setembro de 2026

CASINO/ 1995

Casino

Um filme de Martin Scorsese

Realização: Martin Scorsese / **Argumento:** Nicholas Pileggi e Martin Scorsese, segundo o romance de Nicholas Pileggi / **Fotografia:** Robert Richardson / **"Production Designer":** Dante Ferretti / **Direcção Artística:** Jack G. Taylor Jr. / **Consultor Musical:** Robbie Robertson / **Montagem:** Thelma Schoonmaker / **Figurinos:** Rita Ryack e John Dunn / **Genérico:** Elaine e Saul Bass / **Intérpretes:** Robert De Niro (Sam "Ace" Rothstein), Sharon Stone (Ginger McKenna), Joe Pesci (Nick Santoro), James Woods (Lester Diamond), Don Rickles (Billy Sherbert), Alan King (Andy Stone), Kevin Pollak (Phillip Green), L.Q. Jones (Pat Webb), Dick Smothers (Senador), Frank Vincent (Frank Marino), John Bloom (Don Ward), Pasquale Cajano (Remo Gaggi), Melissa Prophet (Jennifer Santoro), Bill Allison (John Nance), Vinny Vella (Artie Piscano), Oscar Goodman (o próprio), Catherine Scorsese (mãe de Piscano), Phillip Suriano (Dominick Santoro), Erika Von Tagen (velha Amy), Frankie Avalon (o próprio), Steve Allen (o próprio), Jayne Meadows (a própria), Jerry Vale (o próprio).

Produção: Barbara De Fina / **Cópia:** DCP, cor, versão original legendada eletronicamente em português / **Duração:** 178 minutos / **Estreia Mundial:** Novembro de 1995 / **Estreia em Portugal:** Alfa, Amoreiras, Monumental, Fonte Nova, Quarteto, São Jorge, em 8 de Março de 1996.

À primeira vista **Casino** aparece como mais um filme sobre a Mafia. Contudo o olhar que Scorsese lança sobre este "meio" tem sido sempre diferente daquele que nos foi transmitido por um Coppola (a saga do **Godfather**) ou mesmo da de um Leone (**Once Upon a Time in America**), estando muito mais perto da abordagem típica da série B do cinema americano sobre organizações criminosas ou *biopics* de "inimigos públicos" típicos dos anos 50, de **Baby Face Nelson**, de Don Siegel a **Machine Gun Kelly** de Roger Corman, culminando no já clássico filme deste último sobre o "massacre de Chicago", **The St. Valentine Day's Massacre**. Isto tem menos a ver com o facto de se tratarem quase sempre de dramatizações de casos reais do que com a forma de os contar e o estilo de cada um. Pode dizer-se que é em Scorsese mais do que em Coppola que se pode encontrar uma influência da "escola" em que ambos se formaram: o trabalho com Roger Corman. Também Scorsese toma quase sempre casos reais como ponto de partida (**Goodfellas** e **Casino** adaptam ambos romances de Nicholas Pileggi que nasceram dos conhecimentos reais do autor no meio descrito). Mas mais importante é a aproximação "familiar" que define o estilo de Scorsese em contraponto com a dimensão "épica" de Coppola e o "revisionismo" de Leone. A abordagem de Scorsese destaca por isso mais os personagens e os conflitos pessoais do que as situações gerais, os ajustes de contas entre grupos e as ligações ao poder. Compare-se, neste último caso, o personagem do senador de **Casino** com o de **The Godfather**. Na verdade, os filmes sobre este "meio" feitos por Scorsese integram-se perfeitamente dentro da obra geral do autor, enquanto a trilogia dos Corleone aparece como um "opus" único e independente dentro da de Coppola. A "família" em Coppola é um "bloco" sólido que reage em uníssono em defesa do seu status mesmo que sofrendo de conflitos internos. A de

Scorsese está estilhaçada, desfaz-se à mesma velocidade com se formou. É verdade que esta "identificação" quase total tem a ver, também, com o actor. Se "fractura" se pode encontrar na obra de Scorsese talvez seja entre os filmes interpretados por Robert De Niro e os outros (Mais uma achega para a questão "autoral"? Até que ponto o actor influencia o realizador?). Seja a Mafia, o pugilismo, o mundo do espectáculo, é sempre a história de um homem traído pelos seus sonhos e pelos outros, e que acaba por ficar a meio caminho do seu objectivo (talvez fosse a esta "luz" que se deveria ver também o seu **The Last Temptation of Christ**, uma história em que o que o seduziu terá sido o "sonho" de Cristo na cruz, a "última" tentação). Antes de mais, **Casino** é a história de um homem traído e que vê desfazer-se o seu sonho de poder.

Face a **Casino** um filme como **Goodfellas** surge, hoje em dia, como uma espécie de "esboço" seu. Bem vistas as coisas as histórias são muito semelhantes (dir-se-ia que também Pileggi teria feito primeiro um "esboço" com o primeiro romance antes de avançar para projecto mais ambicioso): a evolução de pequenos criminosos dentro do "meio", os conflitos familiares, os medos, vigilância da polícia e queda, numa evolução onde se reflecte também a faceta católica do realizador: o tema do crime e do castigo. Se a única condenação que se pode subtender na trilogia de Coppola é a da solidão (mas de um só personagem), nos filmes de Scorsese a "pena" é a morte. Mas mesmo a morte tem de ser marcada pelo excesso e o horror: a de Ginger, destruída física e psicologicamente pela droga e pela longa luta com Rothstein, a de Nicky, de uma insuportável selvajaria, corpo desfeito com um taco de basebol e enterrado ainda vivo. Mesmo Rothstein, sobrevivente da explosão, é um morto-vivo, afastado do lugar cimeiro para o papel primitivo que desempenhava. Aliás é ele próprio, na voz off, que se reconhece como "morto". Esta "queda" dos personagens (comum às dos outros filmes de Scorsese: **Mean Streets**, **Goodfellas**) é sugestiva da forma de Scorsese ver o mundo e da sua "diferença" em relação a Coppola. Os arrivistas deste abrem caminho a pulso e instalam-se no poder. Coppola trata dos "gigantes" e dos "deuses". Os de Scorsese percorrem meio caminho, ficam deslumbrados e esse deslumbramento é a causa da sua perda porque se julgam capazes de desafiarem os "grandes" e o "poder", sendo por isso afastados e destruídos. Só vence quem detém o poder, os que o manipulam (o comissário interpretado por L.Q. Jones, o senador) e os que com ele jogam em conluio (os chefes da Mafia). Repare-se que quando o conflito se agudiza o que está em causa para os últimos é restabelecer a situação afastando os seus subalternos ambiciosos que lhe deram origem. A guerra de gangs em Coppola é uma forma de "limpar" o sangue em cada geração (como se diz no primeiro **The Godfather**), em Scorsese (especialmente em **Casino**: as sucessivas execuções) é uma espécie de operação a um tumor que começou a alastrar perigosamente. No primeiro é um "corpo" que se renova. No segundo é um que sobrevive e de defende.

Casino é também um dos mais deslumbrantes filmes de Scorsese, a começar pelo fabuloso genérico. Desde **Cape Fear** que o realizador usou os serviços do genial Saul Bass (de colaboração com a sua mulher, Elaine) e estes trabalhos mostram que não perdeu nenhuma das características que o distinguiram nas décadas de 50 e 60 em trabalhos semelhantes, principalmente com Hitchcock e Preminger, agora com uma sofisticação superior graças aos progressos técnicos. Casino acabaria por ser o ultimo trabalho para Scorsese de Bass (falecido em 1996) e, sem dúvida uma das suas coroas de glória, retomando o "tema" da personagem que se "despenha" que era o *leit motiv* do seu genérico de **Vertigo**. Em termos estéticos **Casino** leva mais longe as experiências de **Age of Innocence**, com os "picados" e o *top-shot*, com a sofisticação formal; em termos narrativos **Casino** retoma a poderosa força descritiva e o pormenor realista de **Raging Bull**. A beleza e a dureza de mãos dadas numa obra prima do cinema moderno.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico